

O Sacramento – Passagem Para Outro Mundo

Gerd Uwe Kliewer

1. RITOS DE PASSAGEM E DE INICIAÇÃO

As ciências humanas ensinam que os costumes e os comportamentos humanos geralmente têm uma longa história e remontam, muitas vezes, a tempos pré-históricos. Isso vale, por excelência, para ritos e crenças religiosas. O estudioso das ciências religiosas estuda as origens desses ritos e crenças, e vai descobrir que certos elementos migram de uma cultura para outra, através dos tempos, recebendo interpretações diferentes, adaptando as formas, mas mantendo os seus componentes, suas estruturas básicas. Isso vale também para os ritos do cristianismo. Assim, p. ex., é evidente que a Santa Ceia remonta à prática de sacrifícios de animais e até de homens, acompanhados de ceias em comum, nas quais a carne do sacrifício era consumida. A carne do sacrifício era sagrada, era, segundo certas concepções, o próprio Deus, e na ceia o comensal então comungava, ingeria o Deus para compartilhar, assim, o seu poder, as suas forças sobrenaturais. Geo Windengren, erudito da fenomenologia da religião, constata que na Santa Ceia se trata realmente de um sacrifício, de um holocausto, e ele conclui: "Em torno do sacramento da Santa Ceia juntou-se uma multiplicidade de concepções antigas e novas, no vestido do mito e do rito. Vimos ... que vários traços da ideologia real do oriente próximo reaparecem acentuadamente na interpretação sacrificial da Santa Ceia. Mas também os conceitos israelitas do sacrifício foram inseridos na Santa Ceia, ou melhor, estavam ligadas a ela desde o início. Cristo é o cordeiro pascal imolado. Vimos antes que o pão e o vinho eram componente essencial da ceia sacral israelita. Essas matérias do sacrifício reaparecem na instalação da Santa Ceia. Cristo mesmo é o cordeiro pascal imolado; este é o simbolismo contido no ato, na ceia propriamente dita. Mas pão e vinho, partes da ceia pascal, também simbolizam, por sua vez, o salvador que compartilha o seu próprio corpo e sangue com os seus. Do ponto de vista cúltico, Cristo é representado pelo cordeiro, o pão e o vinho. Esses três símbolos aparecem constantemente no Evangelho de João como designa-

ções de Cristo. Ele é o cordeiro de Deus, carregando os pecados do mundo, é o pão da vida, presente do céu, é a videira verdadeira. Assim, os símbolos cúlticos na Santa Ceia apontam para a interpretação espiritual das realidades cúlticas que o evangelho de João oferece. O ato cúltico, o sacrifício enquanto comunhão, também se torna um acontecimento espiritual: através dele experimenta-se a comunhão com a divindade." (1) Ter comunhão com Deus, ser partícipe do poder divino, eis um anseio que acompanha o homem desde o início da sua história e que também está presente na prática dos sacramentos que se desenvolveram no âmbito da religião cristã.

Este anseio se manifesta com maior ênfase em situações, onde o homem se vê confrontado com novos horizontes, com mundos novos no transcurso da sua biografia individual e social. As culturas e religiões de todos os tempos têm colocado, nos pontos cruciais da biografia humana, certos ritos destinados a assegurar o indivíduo da proteção das forças divinas. A **ciência religiosa** fala de **ritos de passagem**. Estes ritos são realizados por ocasião da passagem de uma fase etária para outra, também na passagem para a vida (nascimento) e para a morte, bem como na entrada para um grupo, uma sociedade, secreta ou não, uma instituição. Nestes últimos casos se fala em **ritos de iniciação**. Estes, geralmente, são acompanhados ou precedidos por instruções preparatórias. São estes conjuntos de ritos e instruções, com os quais se promove uma mudança, às vezes radical, no status religioso e social de um indivíduo. P. ex., um **rapaz** passa, através do rito de iniciação para o status de homem adulto, com novas responsabilidades. Todas as culturas e religiões possuem estes ritos. Assim, entre os carajás, um rapaz passa por uma primeira iniciação na idade de 8 a 9 anos, quando o seu lábio inferior é perfurado e inserido um enfeite, um bastão feito de osso. Alguns anos mais tarde, na puberdade, ele passa por uma segunda iniciação, quando o seu cabelo é raspado e o seu corpo pintado de preto, e ele recebe um enfeite no pênis. Fica então numa situação de transição até o cabelo crescer, outra vez, alcançando os ombros, quando então ele recebe o status completo de um homem. A próxima mudança de status, acompanhada de ritos, ocorre no casamento, quando então o indivíduo assume as responsabilidades de um trabalho regular. Entre os Caingúá, a menina pubertária é reclusa por 3 semanas atrás de uma cortina no canto da casa, comendo somente poucas comidas mornas. Não pode falar, rir, nem levantar os olhos do chão. Neste tempo ela recebe instrução de uma mulher mais velha a respeito de sua futura

(1) Geo Windengren. **Religionsphänomenologie** (Berlin 1969), pág. 320.

vida de mulher e mãe. No fim desse período, o xamã lavá o seu corpo com uma loção especial. Com isso se completa a sua passagem para o status de uma mulher adulta. Só então ela pode reassumir atividades normais. (2)

Exemplos semelhantes encontraremos em todas as outras culturas indígenas. Entre os tiatináguas, os sacerdotes passam uma mistura de substâncias ácidas (pimenta?) nos olhos dos jovens pubertários; isso os faz ficarem cegos por algum tempo. Levam-nos então para o santuário, onde os olhos são lavados. Os jovens recobram a vista e vêem então o sagrado, recebendo, ao mesmo tempo, instruções religiosas. Outras tribos colocam pimenta nos olhos dos recém-nascidos, pois isso dá força e assegura a proteção dos deuses. A circuncisão, banhos rituais, escarificações das faces também fazem parte desses ritos, bem como provas e exames. Eles são realizados, geralmente, logo após o nascimento, na puberdade, no casamento, e também aos 8-9 anos, bem como na passagem para a velhice. São necessários para que o homem se torne completo, perfeito. Isto é, só através do rito o homem se torna homem, aproximando-se, passo a passo, ou melhor, de rito em rito, do divino que lhe deu origem e humanidade. Essa concepção da aproximação do homem ao divino através do rito religioso aparece, também, na maçonaria e nas igrejas cristãs.

Na igreja católica observamos isso de maneira bastante acentuada. Com o seu estojo de ritos e sacramentos ela acompanha as passagens da vida humana, e há uma clara noção do status religioso atribuído por eles. O batismo, realizado logo depois do nascimento, "purifica do pecado original e de todos os pecados", "concede-nos uma nova vida, a vida da graça" e "o Pai, o Filho e o Espírito Santo estabelecem em nós a sua moradia", tornando-nos "templo de Deus" (3). Aos 7-8 anos a criança participa da primeira comunhão. A passagem pela puberdade é marcada pelo sacramento da crisma. Na crisma "a vida da graça que recebemos no batismo chega à sua maturidade" (4). Os jovens são "ungidos soldados de Cristo" (5). Como na nossa sociedade distinguimos entre juventude e idade adulta, sendo que a última inicia, normalmente, com o casamento, o sacramento do matrimônio marca esta passagem. Com ele, os nubentes alcançam o "estado de vida" completo, acessível, a

(2) Julian H. Steward (Ed), *Handbook of South American Indians*, Vol III, (New York 1963), pág. 87 e 187.

(3) *Catecismo Católico* (São Paulo 1967), pág. 129.

(4) *idem*, pág. 155.

(5) *idem*, pág. 156.

um leigo (6). Àqueles que seguem uma vocação religiosa está reservado o "estado sacerdotal" que representa a plenitude do homem enquanto ser religioso. Na **ordenação** o homem (masculino) recebe o "poder sacerdotal", na **sagração episcopal** a "plenitude do poder sacerdotal", poder este derivado diretamente de Jesus Cristo, através da sucessão apostólica (7). Os estados de vida são santificados pelo sacramento (8). A **extrema unção** acompanha a passagem da vida para a morte. Ela "traz saúde espiritual ao enfermo", "fortifica-o" e "remite-lhe os pecados e os castigos". É entendida como força atuante e milagrosa, pois pode conceder "alívio na doença, e até mesmo saúde completa" (9). O sétimo sacramento, da **penitência**, não parece estar ligado a uma passagem ou iniciação especial, mas tem mais a função de preparação e de confirmação do estado religioso alcançado. Observa-se, também, uma clara semelhança fenomenológica entre os ritos sacramentais e os ritos de passagem e iniciação. Têm em comum os exercícios de preparação (confissão dos pecados), a instrução sobre conteúdos religiosos (ensino confirmatório), a reclusão às vezes (retiro de confirmandos), os motivos de catarse, de morte e renascimento estão nitidamente presentes, bem como a idéia de uma proteção especial e de participação do poder divino (na ordenação). Há o uso de substâncias especiais (água benta, pão e vinho, hóstia). Também os conceitos de sacrifício e de banquete cültico foram conservados, pois a "celebração da sagrada Eucaristia é um **sacrifício** visível que oferecemos por intermédio de Jesus Cristo, e um **sagrado banquete** que Jesus nos prepara." (10)

As igrejas da Reforma demitizaram bastante o uso dos sacramentos, pelo menos na sua Teologia, e reduziram-nos a dois, o Batismo e a Santa Ceia. Ainda assim podemos observar, também na nossa Igreja, que os ritos religiosos acompanham as passagens às diversas fases da vida, mas nem sempre na categoria do sacramento. O casamento, a confirmação perderam o seu caráter sacramental. Também o evangélico procura assegurar-se do apoio do poder divino nos momentos cruciais da vida, e não há dúvida que ele entende o sacramento como força atuante que pode afastar perigos e poderes demoníacos. Sem essa fé, qual seria o sentido do batismo de emergência? O batismo é concebido como proteção e exorcismo

(6) idem, pág. 197ss.

(7) idem, pág. 194ss.

(8) idem, pág. 194ss.

(9) idem, pág. 192s.

(10) idem, pág. 160.

(lembro aqui que o ritual completo do batismo na Igreja Católica inclui dois exorcismos). Existe a fé popular de que uma criança batizada tem mais chances de sobrevivência. E também a Santa Ceia para doentes e moribundos tem funções muito semelhantes às da extrema unção católica. É claro que o pastor evangélico procura dar a estes ritos e sacramentos um sentido mais comunitário e poimênico, mas as componentes religiosas acima apontadas continuam presentes na consciência dos crentes.

Aliás, não é só na área religiosa onde os fenômenos descritos se manifestam. A nossa vida secular está cheia de ritualizações, e estas se acentuam e se condensam onde há alguma forma de passagem e iniciação. As grandes instituições – a universidade, o exército, o Estado – cultivam tais ritos. Raspa-se o cabelo aos novatos que entram na universidade ou no exército, solenes juramentos são feitos ao entrar no serviço do Estado, há um ritual pomposo na visita de um chefe de Estado – entres outras coisas, 21 tiros de canhão para espantar os demônios que ele eventualmente trouxe consigo. A transferência de cargos de chefia no exército é outro exemplo de um rito de passagem secular. Toda a comunidade está reunida, faz-se uma recapitulação da dogmática da Segurança Nacional ou da doutrina do anticomunismo, e a voz do orador não perde em relação à de um sacerdote que está rezando missa; os movimentos e as palavras de transmissão são medidos e ritualizados, e não falta o banquete ritual no fim.

Concluindo esta análise fenomenológica, pode-se afirmar, do ponto de vista da sociologia da religião, que, na nossa cultura, cunhada pelo cristianismo, os sacramentos têm a função de ritos de iniciação e passagem.

2. A FUNÇÃO SOCIAL DOS RITOS DE PASSAGEM

Já disse que os ritos de passagem se ligam à passagem para o novo. A reação do homem a situações novas, normalmente, é um misto de curiosidade e medo. Ele se interessa pelo desconhecido, mas ao mesmo tempo sente uma grande insegurança. Disso resulta uma grande tensão que é superada através da ritualização. Assegurando-se, através do rito religioso, do apoio da força divina, o homem vence o medo e cria coragem de enfrentar o desconhecido. Sente-se protegido contra os perigos que a nova situação possa trazer. Frente ao seu ambiente social, o rito o legitima para usufruir dos direitos e deveres do novo status. Ele é habilitado para fazer certas coisas, tem o direito de participar de certos círculos. Depois de confirmado, p. ex., pode-se começar a fumar, tomar cachaça, ir

ao baile, namorar. E há certas rodas de homens, com piadas específicas, que só se abrem ao jovem depois de casado.

Além disso, a participação no rito também significa um compromisso frente aos outros membros da sociedade. O compromisso de, na nova situação, obedecer às regras instituídas, seguir os comportamentos padronizados, isto é, reagir normalmente. Através do rito de passagem, o indivíduo é encaminhado no caminho considerado certo na sua sociedade. Se alguém casa no religioso, por exemplo, compromete-se a conviver com o seu parceiro, organizar um domicílio, ter filhos, ser fiel e muitas outras exigências mais, todas elas derivadas do fato do casamento. E a sociedade circundante vigiará ciosamente o cumprimento delas. Assim, o rito de passagem é uma contribuição essencial para a estabilidade de estruturas sociais, pois nele o indivíduo – que sempre é um possível rebelde – assume o compromisso de seguir os caminhos, já trilhados na sua comunidade ou sociedade.

Essa contribuição à estabilidade se efetua de maneira toda peculiar: o rito de passagem religioso ressalta o caráter sagrado do sistema social, no qual o indivíduo se integra. Apesar de referir-se a um indivíduo, sempre é um acontecimento coletivo, está em função de uma coletividade. Em termos concretos, o rito de passagem celebrado por ocasião da confirmação, com imposição das mãos e Santa Ceia, assegura ao confirmado, através de atos e elementos bem palpáveis, que a comunidade que o acolhe tem origem e fim transcendentais. E ao mesmo tempo, significa que a comunidade e o confirmando assumem um compromisso mútuo.

Deve-se ter em vista, porém, que a força integradora e confirmadora do rito de passagem não visa simplesmente o sistema social dominante. A sociedade global se compõe de subsistemas e subculturas, dos quais todos têm os seus próprios ritos. Assim, a integração promovida pelo rito pode ser dirigida contra a sociedade global, pode ser entendida como separação, como protesto contra esta. Parece-me que o cristianismo, nos primeiros séculos de sua existência, se constituiu, através da sua pregação e a prática dos sacramentos, como um sistema social antagônico à sociedade estabelecida. E seria muito interessante, estudar uma vez a função dos sacramentos na vida das comunidades de base.

3. MUDAMAS PASSAGENS

Os exemplos colocados inicialmente mostraram que nas religiões "primitivas" os ritos de passagem prendem-se claramente ao desenvolvimento sócio-biológico do homem. Acompanham o

nascimento, a passagem da moça para a mulher, do rapaz para o guerreiro, o casamento, a integração do homem num subgrupo da tribo, a sua passagem para a morte. Observamos o mesmo fato ainda no uso dos ritos e sacramentos cristãos. O batismo ligado ao nascimento, a confirmação à passagem da infância para a juventude, o casamento inaugurando a vida adulta, a ordenação sagrando a vida profissional religiosa, a Santa Ceia ou extrema unção acompanhando a passagem para a morte. Este uso do rito é próprio de um ambiente sócio-cultural estável, de estruturas firmes e imutáveis aos olhos dos indivíduos. Estes crescem para dentro das estruturas sócio-culturais que lhes reservam o seu lugar adequado e definem o seu comportamento dentro delas. Através das diversas passagens, o homem realiza o seu destino, um destino que parece claro, e pré-definido. E cada passagem acrescenta algo ao seu status na sociedade, ligando-o com novos laços a ela. E enquanto ele convive com os ritos da sua sociedade, esta ligação é constantemente renovada.

O fenômeno descrito torna-se mais claro, quando exemplificado com a vida tradicional da comunidade da colônia – este complexo social, onde se fundem de maneira peculiar os elementos étnicos, culturais e religiosos. Nesta comunidade o homem nasce, e é então, pelo batismo, integrado à comunidade dos cristãos. O ensino confirmatório prepara-o para o exercício pleno dos direitos e deveres do cristão, bem como para a participação no mundo dos adultos. Uma vez confirmado e com direito à Santa Ceia, ele se integra ao mundo dos adultos, e a comunidade religiosa, pela prática do rito, lhe medeia a certeza que ele faz parte desse mundo. Mas ele ainda não está completo; não tem acesso a todos os círculos, não conhece todos os mistérios. O casamento significa a passagem para essa autonomia. Ele inicia a sua própria lavoura. Assume as responsabilidades plenas de um membro da comunidade, o que se expressa no fato de que agora ele tem que pagar contribuição. Tornando-se pai, ele contribui para renovar o círculo da vida. E participando de batismos, Santas Ceias, casamentos com o seu grupo, ele é confirmado no seu procedimento e se certificará que realmente é este o destino dado ao seu mundo por Deus, que ele alcançou a perfeição atingível nesta terra. E a sua comunidade religiosa lhe assegura não só o apoio do poder divino, enquanto ele se conserva nesta perfeição, mas, além disso, lhe garante uma perfeição suprema a alcançar após a última passagem, a morte. Realmente, nesta situação é gratificante e confortante ser homem. Provavelmente as passagens principais aqui mencionadas serão acompanhadas por outras secundárias, como a entrada na sociedade de tiro ao alvo, no coral da igreja, a eleição para o presbitério e

semelhantes. Estas ainda reforçam a estabilidade do sistema sócio-cultural. Fala-se então de uma **situação de cristandade**: a situação em que as estruturas religiosas cristãs estão confundidas, emaranhadas com as estruturas sociais e culturais, onde todo o ambiente é entendido como cristão e onde as pessoas se integram naturalmente e de maneira orgânica dentro dessas estruturas, sem questionar muito, sem grandes conversões e emoções. A gente é cristão porque o ambiente é cristão, e por ser cristão a gente participa da comunidade, que, por sua vez, garante o ambiente cristão. Nessa cristandade, a igreja é uma instituição firmemente ancorada nas estruturas sociais e culturais.

Fato, é, porém, que este mundo estável, essa sociedade de estruturas firmes e inquestionadas, é uma coisa do passado, e onde ela subsiste, é obsoleta. Vivemos hoje numa sociedade pluralista, uma sociedade na qual as situações são pluriformes e as respostas múltiplas. As opções apresentadas pelas estruturas sociais deixaram de ser unívocas. Para citar um exemplo, o jovem de hoje, ao fazer a sua opção religiosa, poderá escolher inúmeras ofertas; poderá tornar-se evangélico, luterano ou outro, pentecostal, espírita, umbandista, adventista, Seicho-No-lê; poderá optar pelo ateísmo, pela maçonaria nos seus mais diversos matizes, ou ainda abraçar uma das religiões seculares, o marxismo, o anticomunismo, o fascismo, a Doutrina da Segurança Nacional, ou ainda fazer a sua própria mistura. E é muito provável que, no seu currículo religioso, ele passará por várias religiões. Semelhantemente acontece nas outras áreas da vida humana. Ninguém parece estabelecer-se definitivamente numa certa posição social. O filho do colono acaba se mudando para o bairro periférico da cidade; o agricultor se transforma em operário; o auxiliar de adubação entra na Faculdade de Teologia; e, sempre, essa mudança implica numa transformação acentuada do status e do ambiente social do indivíduo. Na sociedade pluralista o homem é confrontado, constantemente, com novas situações, é forçado a adaptar-se a novos ambientes sociais e culturais. Ele muda de amigos, de relacionamentos, de idéias, de convicções, em suma, "de religião" várias vezes na sua vida.

É por isso que o sociólogo P. L. Berger chama o nosso tempo de "era das conversões": uma era em que os indivíduos nunca conseguem estabelecer definitivamente o sentido de sua vida, em que eles tem que rever constantemente as suas convicções. A religião tradicional não parece ser mais capaz de fornecer o pano de fundo contínuo e seguro, ao qual os homens se acostumaram. A "certeza de salvação" torna-se um objetivo almejado, procurado muitas vezes através de conversões sucessivas, mas raramente alcançado por completo.

Não é necessária muita imaginação para compreender que na sociedade pluralista as situações de passagem são outras que na sociedade tradicional. Constatamos que, nesta última, as passagens estão ligadas ao desenvolvimento sócio-biológico do homem; na sociedade moderna, porém, elas adquirem um caráter mais sócio-psicológico. São do último tipo: uma experiência de conversão, a mudança de ambiente social por ocasião da transferência para a cidade, mudanças ligadas à ascensão social, a transferência de uma comunidade para outra, a passagem da vida ativa para a aposentadoria e semelhantes. Estas passagens estão ganhando em importância para indivíduos e grupos, e surgem, a partir desse fato, novas expectativas e necessidades religiosas. As igrejas, porém, não possuem uma prática ritual clara em relação a estas passagens que atingem o indivíduo na sua estrutura psíquica. Em outras palavras, falta uma prática sacramental que acompanha o indivíduo nestas situações.

Parece-me que na IECLB, esta falta se manifesta, por exemplo, em relação ao conjunto batismo - conversão - confirmação. Com a transformação do ambiente social, os dois pilares do cristianismo tradicional, batismo e confirmação, perdem em importância e entram em conflito com a conversão. Sabemos que a conversão é sentida por aqueles que a experimentam como uma passagem nítida do reino "deste mundo" para o de Jesus Cristo. Mas não há um ato sacramental que represente, simbolize esta passagem e confirme o convertido na sua nova condição perante Deus e a comunidade. Parece-me que aí está a origem da repentina preocupação com o batismo que transpareceu na discussão em torno da evangelização do Janz Team, feita em 1978. Dentro do esquema de funções religiosas que aqui estou usando para interpretar o sacramento, é perfeitamente compreensível que o neo-convertido, que tem a sensação de só agora ter-se tornado cristão, se pergunte pelo significado do sacramento de iniciação, seu batismo. Assim, numa carta dirigida ao Jornal Evangélico, nós lemos: "Quanto ao batismo, Deus não obriga ninguém a ter comunhão com Ele. Deus oferece o dom da graça em Jesus Cristo, a salvação, a santificação, mas se a pessoa não quer, então como é que pelo batismo todos podemos ser considerados filhos de Deus? Somente quando damos o passo da decisão, de realmente dizermos Senhor Jesus, dispõe de mim, é que ele começa a obra da fé em nossa vida, e nos tornamos filhos e herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. A Palavra de Deus diz: 'Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome.' (Jo 1,12)" (11) Os autores da carta

(11) *Jornal Evangélico* (São Leopoldo), 1ª. quinzena de setembro de 1978, nº 17, pág. 9.

transferem claramente a iniciação cristã do batismo para a conversão. O que vale, é o “passo da decisão”, e o batismo e a confirmação, quando anteriores a essa decisão, são desvalorizados. Com razão afirma o Sr. Emílio Tehbald: “Um pastor que pratica batismo e confirmação e depois organiza uma evangelização para converter os seus membros, encontra-se seriamente ameaçado em sua coerência.” (12).

Não quero entrar aqui na problemática teológica do batismo, mas colocar a questão dentro do quadro sócio-religioso. Sabemos que, nos primórdios do cristianismo, o batismo acontecia normalmente após a confissão de fé. Não temos relato explícito sobre batismo de crianças. Se estes aconteceram, então mais por extensão (Atos 16,15 – Lídia e toda a sua casa forma batizados). Na verdade, a questão do batismo de crianças ou adultos não se colocava na fase inicial do cristianismo, pois o critério único era a confissão “Jesus é o Senhor” ou credo semelhante. Essa confissão indicava uma passagem real de um mundo idólatra e corrupto, regido pelas forças do mal, para o mundo da salvação, onde reinava Jesus Cristo. O cristianismo, nessa fase, é um movimento religioso, muito dinâmico, com as doutrinas ainda em formação, integrando e rejeitando elementos culturais do ambiente, expandindo-se por todo o Império Romano. Nesta fase, o batismo da fé é o procedimento natural.

Todo o movimento religioso, porém, tende a estabilizar-se, a institucionalizar-se. O que era livre e espontâneo se formaliza, transforma-se em tradição, em rito. São definidas as estruturas e as hierarquias da comunidade. A doutrina, de início um testemunho engajado e criativo, é fixada e transforma-se em dogma. Procura-se garantir a continuidade, surge a preocupação com a socialização religiosa, isto é, o esforço de passar as suas convicções religiosas para as próximas gerações. Surge, assim, o ambiente sócio-cultural que acima denominei de cristandade. Na cristandade, o tornar-se cristão deixa de ser um acontecimento dramático, espontâneo, apresentando-se mais como uma integração num ambiente que “naturalmente” é cristão. O batismo de crianças complementado pela confirmação – uma espécie de conversão institucionalizada – é o procedimento adequado à situação de cristandade.

Pretendo mostrar, com o exemplo do batismo, que se deve ver a prática dos sacramentos em relação ao contexto no qual vive a comunidade cristã e à relação que ela mantém com o mesmo. Analisando deste ponto de vista, a prática do batismo da fé ou de

(12) *Jornal Evangélico* (São Leopoldo), 1ª. quinzena de agosto de 1978. nº 15, pág. 9.

crianças é antes uma questão conjuntural e contextual do que teológica. A igreja tradicional, interessada na continuidade, e que mantém uma relação mais harmoniosa com o seu ambiente sócio-cultural, tenderá a colocar o sacramento da iniciação cristã no início da vida humana. A igreja em fase de movimento, que acaba de quebrar com as estruturas vigentes e está em oposição ao seu ambiente, acentuará o caráter decisório do tornar-se cristão e tenderá a relacionar a iniciação com essa decisão. Deve-se observar, porém, que na vida de uma instituição certos rumos, uma vez tomados, não podem ser facilmente revertidos. Em termos concretos, uma igreja que uma vez optou pelo batismo infantil, não poderá, sem mais nem menos, introduzir o batismo da fe, quando seu ambiente se modificar e vice-versa. O mais provável é que serão feitas adaptações e reinterpretações do rito e do sacramento.

Concluindo, quero colocar agora, a partir do exposto, duas teses:

1. A prática sacramental da comunidade cristã não pode orientar-se somente em considerações dogmáticas e exegéticas, mas deve levar em conta as necessidades e expectativas dos homens, oriundas do seu currículo biográfico, no contexto sócio-cultural em que vivem. De fato, a história da instituição igreja mostra que isso sempre aconteceu (com muito retardamento às vezes).

2. Na sociedade moderna, as "passagens" na biografia individual mudaram. Coloquei, em cima, que às passagens sócio-biológicas se acrescentam as sócio-psicológicas, com crescente importância das últimas. A prática sacramental, portanto, deve ser adaptada a essa nova situação.

Isso significa que a igreja deve procurar uma prática sacramental que acompanhe as passagens sócio-psicológicas. Concretamente: é necessário criar ritos religiosos que podem ser realizados, quando alguém teve uma experiência de conversão e é recebido pelo grupo de crentes, ou quando alguém se mudou do campo para a cidade, quando alguém entra numa nova fase profissional, ou por ocasião da transferência de um membro de uma comunidade para a outra, ou no momento da aposentadoria. Os homens, nessas passagens, sentem muitas vezes a necessidade de um acompanhamento que val além do aconselhamento poimênico, de algo que lhes dê a sensação da presença concreta do sagrado, do poder divino nesta sua passagem para um mundo novo que, provavelmente, estará repleto de problemas e incertezas. Não é necessário criar novos sacramentos, pois me parece que o cristianismo já ultrapassou a fase de criação de novos sacramentos. Trata-se, antes, de aplicar os sacramentos em uso a novas situações e aproveitá-los em novos conjuntos rituais que correspondem a elas. Por ex., por que

não realizar a despedida ou a recepção de um membro num culto de Santa Ceia na comunidade e com uma liturgia que alude ao fato? Ou quando um estudante sai da sua terra natal, não seria ocasião de fazer o mesmo? Observando o contexto vivencial do homem atual, encontraremos outras passagens que requerem o seu sacramento.